

A presença invisível do *enactment* no atendimento clínico e seus possíveis desdobramentos

Rafaella Carioca Persegona Fachin¹

Resumo

O artigo aborda o conceito de *enactment* na psicanálise relacional, destacando sua relevância no processo terapêutico como uma cocriação inconsciente entre analista e paciente. Essa interação transcende a identificação projetiva, assumindo um caráter intersubjetivo, onde ambos os participantes contribuem mutuamente com suas transferências e contratransferências. O *enactment* não é visto como uma falha técnica, mas como uma oportunidade de compreender os padrões relacionais no contexto analítico. A abordagem relacional redefine conceitos tradicionais como neutralidade e abstinência, enfatizando a influência mútua e inevitável entre as partes.

Além disso, o artigo explora a relação entre *enactment*, trauma e dissociação. Em situações de trauma, as encenações possibilitam o acesso a conteúdos implícitos ou não simbolizados pelo paciente, criando um caminho para a integração e simbolização de estados do self dissociados. A prática clínica baseada nesse conceito permite ao analista identificar essas dinâmicas e manejá-las, promovendo uma relação terapêutica mais profunda e transformadora.

Por fim, o texto utiliza o relato clínico para ilustrar como o *enactment* pode emergir de traumas compartilhados entre analista e paciente, contribuindo para o fortalecimento da aliança terapêutica. O artigo conclui que as encenações, quando reconhecidas e trabalhadas, são uma via central para acessar e transformar padrões inconscientes, ampliando o alcance da psicanálise relacional.

Palavras-chave: *Enactment*; Psicanálise Relacional; Cocriação inconsciente; Transferência e Contratransferência; Aliança terapêutica.

THE INVISIBLE PRESENCE OF ENACTMENT IN CLINICAL PRACTICE AND ITS POSSIBLE IMPLICATIONS

Abstract

The article addresses the concept of enactment in relational psychoanalysis, highlighting its relevance in the therapeutic process as an unconscious co-creation between the analyst and the patient. This interaction transcends projective identification, assuming an intersubjective nature, where both participants mutually contribute with their transference and

¹ Rafaella Carioca Persegona Fachin
Psicóloga (06/117958), especialista pelo CFP e psicanalista. E-mail: rafaellacap@hotmail.com

countertransference. Enactment is not viewed as a technical failure but as an opportunity to understand relational patterns within the analytical context.

The relational approach redefines traditional concepts such as neutrality and abstinence, emphasizing the mutual and inevitable influence between the parties involved. Furthermore, the article explores the relationship between enactment, trauma, and dissociation. In traumatic situations, enactments enable access to implicit or unsymbolized content by the patient, creating a pathway for the integration and symbolization of dissociated self-states. Clinical practice based on this concept allows the analyst to identify and manage these dynamics, fostering a deeper and more transformative therapeutic relationship.

Finally, the text uses a clinical account to illustrate how enactment can emerge from shared traumas between the analyst and the patient, contributing to the strengthening of the therapeutic alliance. The article concludes that enactments, when recognized and worked through, are a central avenue for accessing and transforming unconscious patterns, thus expanding the scope of relational psychoanalysis.

Keywords: Enactment; Relational Psychoanalysis; Unconscious Co-creation; Transference and Countertransference; Therapeutic Alliance.

A presença invisível do *enactment* no atendimento clínico e seus possíveis desdobramentos

É um prazer estar aqui com todos vocês hoje. Quero iniciar minha fala abordando o conceito de *enactment*, destacando que ele, assim como os outros conceitos apresentados por meus colegas, manifesta-se de maneira dinâmica no contexto clínico. Esses conceitos não operam isoladamente; ao contrário, coexistem e se interrelacionam ao longo do tratamento analítico e do setting terapêutico. Para embasar minha exposição, utilizei as seguintes referências: *Livro Anual de Psicanálise, número 24 (XXIV) – IPA, Psicanálise Relacional: Um Novo Olhar, Uma Nova Prática, Sobre Trauma: Psicanálise e Transversalidade*, de Henry Krutzen, e *Psicanálise Relacional, Neurociências e Psicologia do Desenvolvimento*, também de Henry Krutzen.

As reações inconscientes dos analistas são inevitáveis por força da influência interpessoal exercida pelos pacientes oferecendo oportunidades valiosas de *insights* e experiências terapêuticas. Podemos pensar: *Qual é o papel que a subjetividade do analista desempenha na criação das manifestações específicas de encenações com pacientes específicos?*

O termo encenação ou *enactment* foi usado, inicialmente, para aprender o fato de que as fantasias, transferências são vividas (encenadas) no comportamento do paciente em relação ao analista seja verbal ou não. Pode-se dizer que a encenação sem a visão da Psicologia Relacional, ocorre quando o paciente mobiliza inconscientemente a predisposição subjetiva do analista para sentir e reagir de determinadas maneiras, suscitando uma reação emocional do analista que confirma uma fantasia transferencial.

Nesse primeiro momento então o *enactment* é associado a identificação projetiva, onde o analista é pressionado a se sentir e se comportar de modo consistente com o que o paciente, na fantasia, projeta nele. Passa-se a ter a compreensão na relacional que esses eventos são interações transferenciais e contratransferenciais dos membros da dupla terapêutica, contribuindo inconscientemente para a dinâmica do processo. Assim, destaca-se a importância de reconhecer o envolvimento do analista em um drama inconsciente.

Segundo Levine e Friedman (2000):

A vivência contínua, mútua, de conflitos e fantasias importantes, na maior parte inconscientes, por ambos os membros da relação analítica..os modos como o

encontro analítico pode ser visto como uma série complexa, sobreposta, arraigada de dramas frequentemente sutis, inconscientes, interativos, construídos mutuamente, que são vividos conjuntamente, em vez de apenas mencionados verbalmente. (Levine e Friedman, 2000, p. 73)

É sob este olhar que o *enactment* tem um sentido de cocriação espontânea que colocará em jogo aspectos de ambas as partes da díade. Não existe uma relação causal direta entre as partes; não é possível diferenciar ou determinar qual elemento ocorre primeiro — se a transferência do paciente ou a do analista —, ou se ambas se manifestam de forma simultânea e espontânea. A influência é mútua. Este ponto é de vital relevância, já que permite diferenciar o *enactment* da identificação projetiva ou do *acting out*.

Com essa definição podemos pensar que a responsabilidade é compartilhada e a participação é inconsciente, e mútua de analista e paciente, na coconstrução de encenações. O analista não é apenas alguém que corresponde involuntariamente as pressões inconscientes do paciente, mas um participante igualitário, moldando ativamente a encenação de acordo com os seus próprios conflitos e fantasias de maneira contínua. Essa definição carrega a marca da intersubjetividade psicanalítica.

Supomos que tudo que ocorre entre analista e paciente será codeterminado pelos desejos inconscientes e necessidades defensivas de ambos os participantes do processo analítico. Diante dessa perspectiva, torna-se necessário repensar conceitos como neutralidade e abstinência, que não se ajustam nessa definição.

O *enactment* inclui respostas verbais e não verbais do analista, inspiradas inconscientemente, coconstruídas pela fusão intersubjetiva das transferências recíprocas entre o paciente e analista.

O encontro no consultório com o paciente deixa de ser uma mera sucessão de associações livres e interpretações para passar a ser um cenário onde se vão representando as mais variadas possibilidades de relação entre os dois. Cada uma das partes contribui com sua subjetividade, colocando-a de maneira inevitável em jogo para poder cocriar algo novo no encontro. É por isso que para os autores relacionais, o *enactment* não representa um perigo ou uma dificuldade técnica, mas a consequência inevitável do encontro de duas mentes, dois corpos, duas subjetividades.

As encenações são a via régia para poder entender os padrões relacionais que estão sendo postos em jogo no aqui e agora da sessão. A maioria dos autores relacionais têm prestado atenção a este termo, porém sua definição, alcance e soluções variam entre autores, convertendo-o num termo com definição trabalhosa.

Estas tentativas de compreensão do *enactment*, se devem ao fato de que não é um termo de fácil compreensão, principalmente porque os participantes do *enactment* não estão sempre conscientes de que isto está ocorrendo.

Entendemos os papéis de analista e analisando na relacional de uma forma em que algo está sendo cocriado por meio desses papéis no *setting* analítico. É nesse momento que podemos visualizar a existência do *enactment*, quando atuações inconscientes se apresentam com força tanto da parte do analista quanto do analisando. E poder considerar e perceber essa atuação através da sua análise pessoal, supervisão ou por ter consciência desse conceito que se manifesta na clínica, pode trazer ingredientes importantes no tratamento do paciente.

Podemos pensar que estamos diante de uma mudança na perspectiva do processo analítico, mais próximo do intercâmbio. Para Sullivan (1972), este intercâmbio leva o analista a assumir o papel de observador participante e determinante do observado, que afeta e é afetado pelo que acontece durante a terapia.

Podemos também visualizar as encenações acontecendo através da teoria do trauma e da dissociação. Nas questões relativas ao trauma, a dissociação é o mecanismo central. Onde percebemos que na dissociação há uma separação dos estados do *self* que vão permanecer ilhados.

E isso ocorre como um mecanismo de defesa da mente em relação ao indivíduo para preservá-lo de tamanha cena traumática que lhe ocorreu. Nesse caso a manifestação dessa dissociação só pode ocorrer por meio das encenações. Por se tratar de conteúdos profundamente inconscientes, muitas vezes ainda não nomeados ou simbolizados pelo paciente, eles não poderiam emergir, por exemplo, por meio da associação livre. Fica evidente que o único traço de memória acessível ao sujeito está em um nível implícito ou procedural, e, portanto, não pode ser alcançado como memória declarativa. Apenas o *enactment* oferece uma via de contato para que este vínculo seja construído, com base na regulação dos afetos, neste nível procedural.

Essas encenações vão ocorrer como resultado da interação entre paciente e analista dentro do sistema analítico, e cada um terá sua parte neste momento, também cocriado. Isso, naturalmente, dificulta a identificação desses eventos, que se não conseguem ser vislumbrados pelo analista, podem desenvolver conluios inconscientes e tornar o tratamento infinito.

No *enactment* o trauma que foi dissociado encontra uma maneira de se fazer ouvir por acontecimentos, integrando paciente e analista. Nesse contexto, por intermédio da auto-revelação pode ser manejado o *enactment*, colocando palavras onde não tinha, falando sobre aquilo que não tinha nome até então, podendo aliviar a não simbolização dos elementos dissociados.

Isso pode permitir uma simbolização progressiva dos estados do *self* ilhados. Finalizo essa parte teórica do *enactment* para comentar o caso apresentado por Claudio Waks, no I Encontro de Psicologia Relacional (2024), com uma fala de Bromberg (2006) *apud* Krutzen (1992): “Os sentimentos do analista sobre seu paciente não são sua propriedade pessoal, porque fazem parte de um contexto não simbolizado dentro do qual o analista e o paciente detêm peças que são vinculadas sub-simbolicamente, mas ainda não pela linguagem.”

Sobre o caso belíssimo mencionado por Claudio Waks, apresentarei minhas impressões, baseadas na integração do conceito de *enactment* discutido anteriormente e na minha experiência clínica. Vale ressaltar que apenas a dupla envolvida no caso — analista e paciente — pode realmente compreender o que ocorre durante as sessões. Ainda assim, me permito aventurar e compartilhar as reflexões que surgiram durante a leitura do caso.

Costumo pensar no *enactment* como "o ponto cego", aquilo que não consigo ver ou conter e que acontece durante a sessão de paciente para analista e vice-versa. Podemos considerar, nesse caso, que a metáfora do "estômago de avestruz", mencionada pelo próprio analista, pode carregar um significado emocional para ele, que em seu mundo psíquico de que sua feridas são pequenas, sua coragem e força precisam e parecem ser maiores e que a solidão também possa estar presente de alguma forma, assim como no paciente.

E assim, a pequena ferida da paciente, que parecia com pequenos cortes, não tão graves para aquele estômago de avestruz, entrou no ponto cego ou no encontro do ponto em que a família

da paciente não dava tanta ênfase às suas feridas ou angústias e o analista faz algo parecido com aqueles pequenos cortes que vão ao encontro do ponto pessoal do analista, em que estou supondo, em se fazer forte nas situações que pareciam pequenas em seu mundo pessoal.

Assim temos um ponto em comum possível de trauma, tanto da parte do analista em sua vida pessoal quanto da paciente. Esse ponto em comum traumático entra em cena e o analista passa mal quando vê sua "fraqueza" e também uma vulnerabilidade às situações de risco, dor e sofrimento. E seu passar mal na frente da paciente fez a mesma testemunhar a sua dor (trauma), enquanto ele ao mesmo tempo presenciou e legitimou a dela e a partir desse encontro, podemos pensar que os dois supostamente se encontraram e foram testemunha um do outro, criando uma relação terapêutica mais forte e profunda que resultou na melhora progressiva da paciente.

Podemos perceber o quanto o *enactment* se manifesta na relação analista - paciente, ocorrendo de forma involuntária e trazendo à tona conteúdos inconscientes de ambos da dupla que não foram elaborados ainda dentro daquela nova relação que está acontecendo, analista e paciente. Tornar essa forma inconsciente, consciente seja por intermédio da supervisão e com o auxílio da autorrevelação quando necessário, podem ser ferramentas importantes para a continuidade do processo terapêutico.

Referências

Associação Internacional de Psicanálise. (2010). *Livro Anual de Psicanálise. Tomo XXIV*. Editora Escuta.

Krutzen, H. (2019). *Sobre trauma: Psicanálise e transversalidade*. Zagodoni.

Krutzen, H. (2020). *Psicanálise relacional, neurociências e psicologia do desenvolvimento*. Zagodoni.

Saraiva, V. (2010). *Psicanálise relacional: Um novo olhar, uma nova prática*. Editora Escuta.